



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

Esquecimentos tendenciosos em Nietzsche e Freud

Tendencious Forgettings in Nietzsche and Freud

 Antonio Edmilson Paschoal

Resumo: A partir de uma exposição inicial da ideia de esquecimento em Nietzsche e Freud, ressaltando o caráter ambivalente que recobre essa ideia nos dois autores, apresenta-se o propósito deste estudo que é experimentar a hipótese segundo a qual, em ambos, ao lado do esquecimento entendido como uma espécie de amnésia, é possível considerar uma ideia de esquecimento ativo e expressão de um estado de saúde. O que se apresenta como uma digestão de impressões passadas, em Nietzsche, e como a introdução dessas impressões em processos associativos, em Freud. Assim, em ambos a despeito das diferenças conceituais e metodológicas que afastam o filósofo e o médico no tratamento do tema, seria possível identificar uma ideia de esquecimento que pode ser tomada ora como meio, ora como sinal de força e saúde.

Palavras-chave: Nietzsche; Freud; esquecimento; lembranças; saúde.

Abstract

Based on an initial presentation of the idea of forgetting in Nietzsche and Freud, highlighting the ambivalent nature that surrounds this idea in both authors, the purpose of this study is to test the hypothesis that, in both authors, alongside forgetting understood as a type of amnesia, it is possible to consider an idea of active forgetting and an expression of a state of health. What is presented as a digestion of past impressions, in Nietzsche, and as the introduction of these impressions into associative processes, in Freud. Thus, in both, despite the conceptual and methodological differences that separate the philosopher and the physician in their treatment of the subject, it would be possible to identify an idea of forgetting that can be taken sometimes as a means, sometimes as a sign of strength and health.

Keywords: Nietzsche; Freud; forgetfulness; memories; health.

1. Apresentação da questão

Em 1913, na exposição do caso clínico de uma neurose obsessiva conhecido como “O homem dos ratos”, ao referir-se ao sétimo dia do tratamento, Freud afirma que o paciente, mencionando o tema da resistência, teria citado uma passagem dos escritos de Nietzsche, mais exatamente, uma das máximas e interlúdios que constitui o aforismo 68 do capítulo 4 de *Além de bem e mal*, no qual se lê: “‘Eu fiz isso’, diz minha memória; ‘eu não posso ter feito isso’, diz meu orgulho, e permanece inflexível. Por fim – a memória cede” (Freud, 1909/2013, p. 44).

Tal citação, e com ela a ideia de que a memória cederia a determinadas pressões, pode ser tomada como um interessante ponto de partida para uma correlação entre Nietzsche e Freud no que se refere ao tema do esquecimento, visto que, para ambos, a memória não seria um simples receptáculo de impressões passadas, do mesmo modo como o esquecimento não seria apenas o apagamento delas.

Assim, a despeito dos pontos de divergência entre eles, visto que para o Nietzsche o esquecimento é um sinal de saúde e, para Freud, está ligado a formas de adoecimento, essa citação feita pelo paciente de Freud indica em ambos um tipo de preocupação com o peso do passado traumático, visto que, tanto para Nietzsche quanto para Freud, as lembranças dolorosas devem ser lançadas para fora do indivíduo, seja por meio de uma reação imediata, seja por meio da fala. De qualquer modo, elas devem ser esquecidas, para que não venham a comprometer o tempo presente. É nesse sentido, na direção da hipótese de que, para além das dissonâncias, é possível apontar um fundo comum no que se refere ao tema do esquecimento em ambos, que serão apresentados os tópicos que se seguem.

2. Nietzsche: esquecer é preciso

Uma premissa capital para um estudo sobre a temática do esquecimento na filosofia de Nietzsche, é uma ideia que se encontra na sua *Genealogia da moral* (GM II 16), segundo a qual, aquilo que não se descarrega para fora, volta-se de forma perturbadora para o interior do homem¹. Uma tese que permite considerar, por um lado, aquele movimento para o interior do homem de afetos e sentimentos decorrentes de suas vivências passadas e, por outro, a necessidade de se desvencilhar de tais afetos, especialmente quando e instalam de uma forma patológica naquele mundo interior.

¹ Essa ideia assim como certos usos demarcados e não demarcados do termo “esquecimento” na obra de Nietzsche já foram explorados por mim em outras ocasiões. (Cf. Paschoal, 2014 e 2023).

Observada essa premissa, é factível o pressuposto de que, para Nietzsche, o homem lida em seu cotidiano com restos de experiências vividas, que teriam para ele o efeito de pedras ou de correntes que ele teria de arrastar consigo na medida em que se movimenta na vida (CE II 1)². Restos de um passado que, nas palavras de Zaratustra, em muitos casos, foram “enterrados vivo” e que tendem a “romper seu túmulo” e retornar à vida, visto que uma dor *enterrada viva* não desaparece de fato, mas apenas dorme “oculta em pano mortuário” (ZA, Da bem-aventurança involuntária). Uma temática que coloca em foco o tema do esquecimento em Nietzsche, visto que é, em grande parte, com esse passado sepultado vivo que ele se ocupa quando pensa o esquecimento tanto como um sinal de saúde quanto como um medicamento que possibilita viver o presente.

A compreensão do esquecimento como um fármaco em Nietzsche, contudo, não é algo simples. Ela precisa ter em vista as várias nuances que o conceito assume em diferentes passagens da obra do filósofo. Por exemplo, essa ideia aparece nos seus escritos como parte de um cuidado peculiar do filósofo, numa atenção sobre si que se observa, por exemplo, na *Terceira consideração extemporânea*, de 1873, onde tal atenção, vale dizer, o reconhecimento do próprio “ser assim e não de outro modo” (CE II 4) e o afastamento do que é comum se apresenta como parte de uma “tarefa” (*Aufgabe*). Uma ideia que é retomada, por exemplo, em *Além de bem e mal*, em que o esquecimento se vincula novamente à tarefa do filósofo e seria utilizado frente ao perigo que seria para ele desviar-se dessa tarefa e se perder. Nesse contexto, o esquecimento ganha contornos de uma beberagem que pode ser tomada para a preservação de si do filósofo em relação ao que é comum, ao excesso de lembranças e ao perigo que seria, nas palavras de Nietzsche, “sufocar de lembranças” (ABM 282).

O esquecimento, seria, assim, associado a uma ação de defesa, por exemplo, para aquele “homem do conhecimento” (ABM 205), que precisa dele frente aos riscos que tem de enfrentar na execução de sua tarefa. Para aquele tipo de homem que necessita conservar a distância própria e, nesse sentido, apartar-se “da multidão e de seus deveres e virtudes” (ABM 213), recolhendo-se e preservando-se, em especial quando é lançado numa “época ruidosa e plebeia” (ABM 282). Uma ideia que Nietzsche retoma em *Ecce homo*, em termos pessoais, quando se refere ao “esquecimento da distância própria” (EH, Por que sou tão esperto, 3) e ao perigo de “nivelar-se a qualquer um” – algo que ele não se perdoaria.

² Para as citações de Nietzsche, seguindo uma convenção já estabelecida, farei as citações por meio da sigla da obra e o número do aforismo ou a seção correspondente e, no caso dos fragmentos póstumos, a indicação do volume da KSA e o número do fragmento. No caso das citações de Freud, indicarei o ano do texto utilizado, acompanhado do ano da edição citada. Para ambos os casos, as referências completas encontram-se no final do artigo.

Por sua vez, o vínculo entre a ideia de “sufocar de lembranças” e o tema da saúde, que aparece em diferentes textos de Nietzsche, pode ser observado de um modo exemplar em uma passagem de sua *Gaia Ciência*, no prelúdio em rimas alemãs intitulado “Brincadeira, astúcia e vingança”, mais especialmente no pequeno diálogo que constitui a seção 4:

A. Estava doente? Estou recuperado?
Quem foi o meu médico?
E como eu esqueci isso!
B. Agora sim, creio que estou são;
Pois sadio é quem esquece.

De fato, nesse diálogo, ganha destaque a associação entre esquecimento e saúde, vale dizer, entre o esquecimento e o conseguir livrar-se daquela dor *enterrada viva* e que insiste em reaparecer. Nessa mesma direção, em outros textos do filósofo, encontra-se a ideia de que quem esquece consegue viver plenamente o presente, conhece a felicidade, nos limites que ela é possível a uma pessoa. Tal ideia, notória na primeira seção de *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, de 1874, é retomada com pequenas variações em *Para a genealogia da moral*, de 1887. No primeiro texto, a ausência do esquecimento tem como consequência o aguilhoamento àquele passado que retorna para perturbar o instante presente. Nesse sentido, o filósofo afirma que é “impossível viver sem esquecer” (CE II 1), sob pena de o passado “tornar-se coveiro do presente” (CE II 1). A felicidade estaria, assim, condicionada ao esquecimento, à capacidade de o homem, de algum modo, livrar-se do peso das correntes do que já se foi.

Por sua vez, na *Genealogia da moral*, ao lado de uma acepção de esquecimento entendido como uma “força inercial” (GM II 1), passiva, que pode ser entendida como um simples desgaste de impressões passadas pela ação do tempo, Nietzsche desenvolve uma noção de esquecimento no qual se acentua a ideia de uma “instância de um processo seletivo” (Stegmaier, 1994, p. 133). No âmbito dessa concepção, o esquecimento corresponderia a uma ação que é realizada pelo corpo na medida em que busca a própria afirmação, ou por um *optimum* de condições de existência. Tal esquecimento é apresentado pelo filósofo em correlação com o processo de digestão, como a capacidade de absorver e digerir o passado, o que é associado por ele ao processo de “assimilação [dos alimentos] pelo corpo” (*Einverleibung*), e que corresponderia a uma absorção de impressões produzidas por vivências passadas, nesse caso, a uma “assimilação pela alma” (*Einverseelung* – GM II 1). Tal esquecimento, que se distancia daquela ideia de uma simples perda inercial das impressões passadas, seria entendido, portanto, como uma força ativa, “no sentido mais rigoroso do termo” e

permitiria ao homem, remetendo novamente à ideia de um fármaco, “fechar temporariamente as portas e janelas da consciência”, atuando como uma “espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz e da etiqueta” (GM II 1).

Ainda na *Genealogia*, na primeira dissertação, em que o não conseguir desvencilhar-se do passado encontra-se associado ao tema do ressentimento, ganha relevo os meios para livrar-se do acúmulo de sentimentos ruins produzidos por certas vivências passadas. O que teria, como uma primeira solução, segundo Nietzsche, uma reação imediata e direta, uma ação que lançaria para fora aqueles sentimentos ruins e impediria que o ressentimento afundasse as suas garras no homem. Contudo, tendo em vista que nem sempre é possível devolver os agravos sofridos, o próximo passo a ser considerado para se desvencilhar daqueles sentimentos ruins, dando um destino apropriado para eles, seria introduzi-los naquele processo de assimilação, descrito como uma forma de esquecimento. Assim, a médio prazo, livrar-se dos tormentos do passado corresponderia a uma capacidade de digestão das impressões deixadas pelas vivências e que, desse modo, não ocupariam e intoxicariam o mundo interior daquele homem. De fato, para livrar-se de tal ressentimento, para impedir que ele se aprofunde em sua alma, tal homem necessitaria daquilo que Nietzsche chama de uma “força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento” (GM I 10).

Ao certo, neste ponto, um observador atento chamará a atenção para o fato de que a acepção de esquecimento em pauta estaria mergulhada num paradoxo, pois se o esquecer é necessário para evitar um adoecimento, para ter saúde, o requisito para se conseguir esquecer seria justamente dispor de uma saúde que se expressaria naquela força plástica e modeladora. Em outros termos, aquele homem necessitaria encontrar-se num patamar elevado de saúde e força para tornar-se saudável. A tal observador, seria o caso de acrescentar ainda que, mesmo mostrando interesse pelo esquecimento quando se trata de retirar do homem efeitos nefastos do passado, Nietzsche também deixa claro que não há propriamente um controle nesse campo, visto que não existe uma ciência do esquecimento (A 126), uma técnica para o olvidar e que não conseguimos esquecer quanto queremos esquecer (KSA 10, 12[1]).

Um problema, contudo, que não inviabiliza a preocupação com o tema do esquecimento, mas exige uma atenção especial sobre ele e que pode ser melhor elucidado retomando a associação entre esquecimento e o processo digestivo. Nesse sentido, ao admitir que o esquecimento não pode ser controlado, do mesmo modo como não se pode controlar certas funções do corpo, como é o caso da digestão, deve-se admitir também que mesmo não se podendo controlar diretamente uma boa digestão, é possível cultivá-la, dentro de certos limites. O que se faz, por exemplo, na escolha por

ingerir ou evitar certos alimentos, como explicita Nietzsche em seu *Ecce homo* ao retratar suas “experiências nesse sentido” (EH, Por que sou tão esperto 1). Lembrando que ele associa nesse mesmo texto a ingestão de certos alimentos com a incorporação de certas ideias, músicas, sentimentos, o que deve ser feito respeitando a medida de cada indivíduo e sua capacidade de assimilação.

Assim, considerando a possibilidade de uma atenção sobre si entendida como uma espécie de dietética do espírito, é possível conceber a ideia de uma atenção especial para com o estômago da alma visando o fortalecimento de sua capacidade de assimilação, no caso, de alimentos que poderiam ser chamados de *espirituais*. Desse modo, seria possível, num movimento circular entre o que se ingere e a saúde do estômago, cultivar em grande medida aquela saúde que permitiria digerir as impressões causadas pelas vivências mais duras. Preparando ou preservando o aparelho digestivo da alma para poder “desvencilhar-se” de certos entraves e “dar conta” (EH, *Por que sou tão sábio*, 6) de novas tarefas e vivências.

3 Freud: esquecimento e sintoma

Sem dúvida, antes de se iniciar qualquer aproximação entre Nietzsche e Freud é imprescindível considerar que são autores discrepantes, que trabalham temas diferentes e com métodos igualmente diferentes³. Por exemplo, ainda que se apresente como um médico e se refira ao seu trabalho como uma “filosofia médica” (A, Prefácio, 4), Nietzsche não é um médico como Freud, dedicado a pacientes que o esperam em seu consultório. Nietzsche é, antes, um “médico da cultura” (Faustino, 2013, p. 2) e sua terapia é voltada para a cultura e não para o indivíduo. Além disso, é de se observar que Nietzsche não possui ou desenvolve uma técnica terapêutica como é o caso da técnica psicanalítica, e também que, no caso de Freud, quando ele apresenta especulações teóricas e lança mão de elementos da cultura, o faz com vistas a uma prática clínica, e com a atenção voltada de forma especial para o indivíduo em tratamento.

Assim, é de se observar que mesmo quando trabalha com uma ideia correlata à de Nietzsche (GM II 16), de que aquilo que não explode para fora, volta-se de forma perturbadora para o interior do homem, conferindo uma grande atenção ao papel do passado na vida presente, Freud o faz de um modo muito peculiar, por exemplo, associando o esquecimento de eventos traumáticos a mecanismos de defesa e ligando-os ao surgimento de certos sintomas, como é o caso da histeria e das neuroses

³ O que exigiria, inclusive, leituras diferentes, como se tem, por exemplo, nas observações de Montinari (1997) sobre Nietzsche, por um lado, e de Monzani (2014), por outro.

estudadas por ele de forma especial em alguns dos seus trabalhos anteriores à sua *Interpretação dos sonhos*⁴.

É com atenção a essas observações prévias e deixando claro que o estudo se volta particularmente para o modo como Freud considerou o esquecimento antes de 1900, que abrimos o tema em Freud, mencionando sua afirmação clássica de que “nossos histéricos sofrem de reminiscências” (Freud, 1910/2013, p. 231), e acrescentando que tais reminiscências correspondem, para ele, a “resíduos” (Freud, 1910/2013, p. 228) daquela que teria sido uma cena traumática. O que coloca em relevo o trauma, a lembrança e o que Freud chama de “resíduos de lembranças” ou “símbolos mnêmicos de certas vivências traumáticas” (Freud, 1910/2013, p. 231), aos quais vinculam-se sintomas.

Dada essa constatação inicial, de que os sintomas se vinculam às recordações, mas de um modo simbólico, torna-se imprescindível uma observação, ainda que rápida, sobre o que seria um “símbolo mnêmico”, o que pode ser feito tendo em vista as chamadas “Cinco lições sobre a psicanálise” de Freud, de 1909. Nesse texto, ele toma como exemplo para explicar essa ideia os monumentos em uma cidade que, conforme explica, têm o intuito de recordar certos acontecimentos, como é o caso da coluna elevada da London Bridge, chamada simplesmente de “*The Monument*”, cujo papel seria de lembrar o grande incêndio que ocorrera no século XVII (1666), que teria destruído grande parte da cidade. Segundo ele, tais monumentos produziriam um vínculo indireto com o passado, operando por analogia ou de forma metafórica. O mesmo que ocorreria com os histéricos e neuróticos no modo como eles manteriam uma ligação emocional com certas vivências passadas, de um modo indireto, mas, ao mesmo tempo, sem poderem desvencilhar-se daquele passado, de tal modo que “por causa dele negligenciam a realidade e o presente” (Freud, 1910/2013, p. 232), estabelecendo com aquelas lembranças um “processo afetivo” no âmbito do qual se evidenciaria uma forma de “apego anormal ao passado” (Freud, 1910/2013, p. 233).

Esse apego ao passado, contudo, não seria consciente como a produção de um monumento, mas ocorreria por processos análogos àquela premissa já mencionada, de que aquilo que não explode para fora, volta-se para o interior do homem. Em Freud, essa premissa torna-se evidente quando ele postula que um organismo teria uma predisposição para livrar-se do excedente de energia produzida

⁴ O tema do esquecimento sofre variações na obra de Freud, que não poderemos acompanhar neste momento. Por exemplo, em futuros estudos sobre as neuroses derivadas de traumas de guerra, ele irá observar que elas não desaparecem, mas mantêm-se na memória. Uma observação que parece contrariar as teses iniciais de Freud e que se aproximaria da ideia de memória e esquecimento que vimos em Nietzsche. Por este e outros motivos metodológicos, delimitaremos este estudo à ideia de esquecimento que se apresenta nos escritos do pai da psicanálise anteriores à sua *Interpretação dos sonhos*, de 1900.

e acumulada a partir de certas vivências e, desse modo, manter-se livre daquele excesso de estímulos. O que se faria seguindo o princípio da inércia, que corresponderia à propensão de um corpo de retornar a estados anteriores a uma excitação⁵. No caso de uma vivência que poderia ser traumática, o desvencilhar-se dos afetos produzidos teria como canal mais imediato o que Freud chama de *ab-reação* (*ab-reagieren*). Próximo ao que foi visto com a ideia de livrar-se do ressentimento em Nietzsche, a ab-reação corresponderia, para Freud, à solução mais adequada para aqueles processos afetivos que poderiam manter-se no homem, prejudicando a relação dele com a realidade presente.

Ocorre, contudo, que também para Freud, nem sempre é possível a realização dessa descarga e é quando isso não ocorre que se tem o adoecimento: “porque os afetos desenvolvidos nas situações patogênicas tinham a saída normal bloqueada” (Freud, 1910/2013, p. 234). Nesse sentido, tem-se, por um lado, o sintoma, que estaria ligado ao material patogênico que se acumularia em função daquela ausência de descarga e, por outro, o tratamento, que consistiria em retomar aquele material, seguindo os símbolos mnêmicos com o intuito de trazer à consciência as recordações que teriam sido de certo modo eliminadas.

Tais ideias, de eliminar e retomar recordações, nos coloca no epicentro da questão do esquecimento em Freud, para quem, “onde há um sintoma encontra-se também uma amnésia, uma lacuna da lembrança” (Freud, 1910/2013, p. 236), ao passo que “o preenchimento dessa lacuna implica a eliminação das condições que geraram o sintoma” (Freud, 1910/2013, p. 236). O que faz com que o empreendimento de Freud não se dê na direção do esquecimento, mas da lembrança a ser reavivada. Ao menos num primeiro momento.

Num conjunto de apontamentos, de 1893, referindo-se à patologia da histeria, Freud afirma que tais lembranças, capazes de produzir sintomas, “estão ausentes da memória acessível do paciente” (Freud, 1893/1996, pp. 193-194). Sobre elas, seria correto dizer que caíram no esquecimento. Um esquecimento que se daria, então, no caso da histeria⁶, como um movimento de “defesa do Eu”, uma “repressão” (*Verdrängung*)⁷ provocada no âmbito de um “conflito psíquico” em que se teria “uma

⁵ O que é desenvolvido por ele em especial em seu “Projeto de uma psicologia” (*Entwurf einer Psychologie*), de 1895.

⁶ Além dos Estudos sobre histeria, o tema da defesa ganha relevo especial no artigo rascunhado por Freud em 1894 e intitulado “As neuroses de defesa” (Freud, 1894/1996, pp. 273-281) e também nos “Estudos sobre a histeria”. Merece destaque, desses textos, as tentativas de proteção do organismo frente a fatores que podem perturbá-lo externa ou internamente, mas, também, o que se apresenta como um funcionamento neurótico daquele mecanismo, em especial quando associado à repressão.

⁷ Ou “recalque” conforme a opção para a tradução do termo alemão “*Verdrängung*”, que remete literalmente ao deslocamento que um navio produz na água tendo em vista a sua flutuabilidade. Em todo caso, mantendo conotação de algo que é empurrado, deslocado. Sobre essa tradução, optamos pelo termo “repressão”, sem associá-lo, assim, à ideia de uma repressão externa ou mesmo de um deslocamento que se limitaria ao sistema Pcs. Sobre os debates acerca das possíveis traduções do termo “*Verdrängung*” e também sobre os usos feitos por Freud, diferenciados ou não, dos termos

representação intolerável” para o Eu (Freud, 1896/2023, p. 218). O que faria do “esquecimento” uma estratégia daquele movimento de defesa. Contudo, e este é um ponto importante, tal esquecimento, marcado com aspas por Freud, não corresponderia àquele esquecimento entendido como um desgaste que levaria, no seu extremo, ao desaparecimento das impressões deixadas por uma determinada vivência, mas ao encobrimento delas na consciência e o seu deslocamento para o inconsciente.

A repressão, acionada por aquele movimento de defesa, empurraria para o inconsciente, a “ideia intolerável, que havia entrado em penosa incompatibilidade com o Eu do paciente” (Freud, 1896/2023, p. 160), que seria causadora de vergonha ou de repulsão. Tal repressão é, em certa medida, eficiente, pois produz um alívio momentâneo para o sofrimento, visto que o pensamento consciente não mais se ocupará daquela ideia. Contudo, é de se observar que aquele “material patogênico” produzido pela vivência traumática é apenas “supostamente esquecido” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 403), pois “a ideia reprimida subsiste como um traço mnemônico” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 400) e atua para a conversão da excitação na “inervação somática” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 401). Assim, se aquele movimento afasta da consciência o sofrimento psíquico, isso acaba tendo um preço muito elevado, pois o material patogênico não desaparece de fato. Antes, associado a um “símbolo mnêmico” (Freud e Breuer, 1893/2016, p. 248)⁸, dá lugar ao “sintoma histérico” (Freud, 1896/2023, p. 218), convertendo-se, por exemplo, em dor corporal⁹.

Chegamos, assim, a um ponto capital do estudo comparativo sobre o esquecimento em Freud e Nietzsche. Enquanto em Nietzsche o esquecimento é sintoma de força e saúde, em Freud, aquela amnésia, ou lacuna de lembrança estaria na base de um adoecimento. Contudo, lembrando que em Freud o afeto reprimido retorna na forma de sintomas, não se tem o fim da correlação entre ambos, mas um ponto de convergência, considerando a ideia que aparece pela boca de Zarathustra, de que o passado enterrado vivo apenas dorme “oculta em pano mortuário”.

4. Algumas considerações sobre “esquecimentos” e esquecimentos

De fato, se existem diferenças entre Nietzsche e Freud no que se refere ao tema do esquecimento, isso não impede de se estabelecer alguns pontos de convergência entre ambos. O

“*Verdrängung*” e “*Unterdrückung*”, sugerimos a leitura do trabalho de Daniel Polimeni Maireno intitulado “*Verdrängung, Unterdrückung* e a querela das traduções”, de 2023.

⁸ Ilustrativo nesse sentido é o caso de Miss Lucy R., que era perseguida pelo cheiro de torta queimada e posteriormente pelo cheiro de charuto. Tal cheiro, como é relatado por Freud, consistia num “símbolo mnêmico” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 174), que ocupava o lugar da lembrança de cenas penosas associadas à esperança de uma relação afetiva com o patrão e a perda dessas esperanças.

⁹ Um exemplo ilustrativo seria o caso clínico de Katharina, cujo vômito é a reação substitutiva frente a algo que produz nela uma repugnância física e moral (Freud, 1896/2023, p. 194, nota 32).

primeiro desses pontos é a ideia de que algo que não é descarregado para fora, volta-se para o interior do homem, constituindo um resíduo que ocupa a consciência do indivíduo de forma patológica. O segundo é que a manutenção das impressões passadas, em certas condições, pode constituir um obstáculo à vida presente. O terceiro é que tais impressões, ou o afeto ligado a elas, podem ser, de alguma forma, arrancadas do homem e lançadas para fora dele, seja por meio de uma reação imediata, seja por outros meios que permitiriam o esquecimento.

Um passo adiante nessas observações, é possível afirmar que, para os dois autores, a memória e o esquecimento não são da ordem da passividade, como se houvesse um mero tráfego de impressões que seguem para um depósito e que se perdem com o tempo. De fato, ambos ampliam essa inicial de memória-esquecimento. No caso de Freud, reconhecendo na memória um “caráter tendencioso” (Freud, 1898/2023, p. 273), visto que ela seria afetada por uma “tendência da vontade (*Willenstendenz*), exatamente como qualquer ação nossa dirigida ao mundo externo” (Freud, 1898/2023, p. 272). Nietzsche, por sua vez, correlaciona a memória-esquecimento a uma faculdade ou órgão (estômago) que seria ativo e produtivo para um organismo que busca sua afirmação na existência, podendo mesmo ser considerado como um medicamento para a saúde do indivíduo. Um ponto que parece, até aqui, ter ficado mais claro em Nietzsche do que em Freud, e que merece ainda algumas observações do ponto de vista do pai da psicanálise.

Para avançarmos nesse ponto, é necessário retomar a ideia de que, em ambos, o esquecimento é um termo ambíguo. Como foi visto, em Nietzsche, ele ganha contornos diferentes, como é o caso de um esquecimento inercial e de um esquecimento ativo. De fato, também em Freud, o esquecimento possui um caráter ambivalente, o que se evidencia quando ele faz referência ao menos a dois tipos de esquecimento. O primeiro, que seria derivado daquele movimento de defesa e que seria um esquecimento “apenas em determinado sentido” (Freud, 1898/2023, p. 239), e que consistiria em deslocar para o inconsciente as impressões traumáticas. O segundo seria aquele que eventualmente Freud designa como “normal”, que equivale ao desgaste de certas impressões, como “aquele empalidecer das lembranças”, sobretudo das “ideias não mais eficazes efetivamente” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 27)¹⁰. O que estaria muito próximo do que Nietzsche chama de um esquecimento inercial – e este é um ponto que não pode ser desconsiderado, nem em Nietzsche, nem em Freud,

¹⁰ Neste ponto, ao tomar a ideia de que as impressões que não possuem importância são esquecidas, Freud está acompanhando pesquisas de sua época, como é o caso da já mencionada pesquisa realizada por V. e C. Henri, em 1895, e publicada em 1897 em *L'Année psychologique*, com o título “*Enquête sur les premiers souvenirs de l'enfance*” (Freud, 1899/2023, p. 278).

pois, para ambos, há sempre essa necessidade de livrar-se de impressões em demasia, o que torna também esse tipo de esquecimento necessário para a vida do ser humano.

Ampliando essas concepções, contudo, Freud faz referência a um tipo de esquecimento que, consistiria no desaparecimento do afeto ligado ao trauma e não tanto ou necessariamente da lembrança do ocorrido na forma de uma imagem ou cena mantida na memória. Isso se daria, em parte de uma forma inercial, mas em parte por meio da inserção daquele afeto no “tráfego associativo com o Eu-consciência” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 185).

Torna-se, assim, imprescindível considerar a distinção feita por Freud entre o que ocorre, por um lado, com o material mnêmico que seria empurrado para o inconsciente e, por outro, com aquele que permanece na consciência. Nesse sentido, embora no primeiro caso se possa falar de um esquecimento, quando certas impressões são deslocadas para o inconsciente, isso não significa que esse material teria de fato desaparecido, antes, seguiria habitando “a consciência à maneira de um parasita” (Freud, 1894/2023, p. 55). Diferentemente, no segundo caso, quando a impressão se mantém no consciente, quando ela não é “esquecida”, o afeto ligado a ela é introduzido naquele “tráfego associativo”, o que permitiria à pessoa livrar-se, de fato, de uma ideia incompatível com a “*vida representacional*” (Freud, 1894/2023, p. 52), numa outra esfera de esquecimento.

Assim, se em Freud um determinado tipo de “esquecimento” estaria associado a formas de patologias, isso não exclui a possibilidade de se considerar uma outra ideia de esquecimento e de considerá-la numa direção oposta à da patologia, tanto por processos de ab-reação, quando em situações em que não ocorrera aquela primeira forma de desgaste.

Tal esquecimento, contudo, seria possível naquela pessoa caracterizada por ele como “sadia”¹¹ (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 27), na qual “a perturbação neutraliza-se pouco a pouco” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 287). A introdução das impressões deixadas por uma vivência, potencialmente traumática, em processos associativos levaria a um desgaste da força afetiva ligada à lembrança. Nas palavras de Freud, “mesmo quando não foi ab-reagida, ao entrar no grande complexo da associação, aquela lembrança ocupa um lugar ao lado de outras vivências que talvez a contradigam, sofre uma correção por outras ideias” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 27). Em tal complexo, a lembrança seria corrigida por meio de diferentes ponderações sobre os fatos e também do indivíduo sobre ele mesmo, o que levaria à diminuição ou até mesmo ao desaparecimento do afeto ligado a ela. Uma ideia que se opõe, claramente, àquele esquecimento que corresponderia apenas ao deslocamento

¹¹ O que permitiria recolocar aquele paradoxo da necessidade de ser sadio para ter saúde, que foi visto em Nietzsche e mencionado anteriormente.

para o inconsciente as lembranças patogênicas, num movimento que manteria, a rigor, “frescas e vigorosamente afetivas” aquelas lembranças.

Nessa direção, lembrando que a revivescência daquilo que fora “esquecido”, por meio dos símbolos mnêmicos, é parte capital do tratamento proposto por Freud nesse momento, visto que permitiria despotencializar o afeto ligado a ele, possibilitando, assim, o *esquecimento* daquele material patogênico, numa outra esfera, Freud introduz o papel das palavras como outra forma de o indivíduo livrar-se do excesso de excitação produzido por alguma vivência traumática. O uso das palavras como facilitadoras daquele desafoço poderia ocorrer tanto no contexto em que ocorreu o trauma, por meio de impropérios, por exemplo, quanto em retomadas futuras do afeto e da lembrança. Considerando o segundo caso, de um “agravo” sofrido e “suportado em silêncio”, ao qual foi negada a possibilidade da reação imediata, o desafoço pode se dar, assim, por meio da “comunicação da fala”, que também possui, para Freud, o estatuto de uma “reação normal, adequada” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 298). O que conferiria à linguagem um lugar privilegiado nesse campo, podendo ser considerada como um sucedâneo para a ação e produzir, em termos psíquicos, efeitos análogos àqueles da ab-reação.

A eliminação dos sintomas, e com eles, do sofrimento causado pelo passado consistiria, assim, segundo Freud, em “colocar o afeto em palavras” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 359). O que é designado por ele como “cura pela fala” e, de forma mais divertida, por Anna O., como “limpeza de chaminé” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 53)¹², traduzindo, em grande parte, o formato que a psicanálise assumira nos anos anteriores a 1900, reconhecida como por seu “método catártico” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 14).

Em síntese, e de forma muito concisa, retomando aquela hipótese inicial, é possível afirmar, que para ambos, tanto para o filósofo quanto para o médico, o esquecimento pode ser considerado ora como um meio, ora como expressão do livrar-se daquele peso do passado traumático. Além disso, para ambos, de algum modo, as lembranças dolorosas, para serem de fato esquecidas, devem ser antes assimiladas, caso se pretenda viver bem o presente e o futuro, a despeito, neste momento, do que possa significar para cada um deles essa assimilação ou ainda uma viver bem.

¹² Mencionando o caso clínico da sra. Cäcilie M..., Freud relata que ela era assaltada por antigas reminiscências, julgadas esquecidas, e que “a única maneira de lhe proporcionar alívio era dando-lhe a oportunidade de falar, na hipnose, da reminiscência que a atormentava naquele momento preciso” (Freud e Breuer, 1893-1895/2016, p. 105, nota 19).

Referências

- Faustino, M. (2013). *Nietzsche e a grande saúde. Para uma terapia da terapia*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Freud, S. (1895). *Projeto de uma psicologia*. (Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr.). Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Freud, S. (1893-1899). Primeiros escritos psicanalíticos. In: S. Freud. *Obras completas* (vol. 3, pp. 49-80). São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- Freud, S. (1909). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In: S. Freud. *Obras completas* (vol. 9, pp. 334-346). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Freud, S. (1910). *Cinco lições de psicanálise*. In: S. Freud. *Obras completas* (vol. 10, pp. 17-65). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Freud, S. (1893). Esboços para a “comunicação preliminar” de 1893. As neuroses de defesa. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. In: S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 15-297). Rio de Janeiro: Imago, 1996
- Freud, S. e Breuer, J. (1893-1895). Estudos sobre histeria. In: S. Freud. *Obras completas* (vol. 2, pp. 13-350). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Maireno, D. P. (2023). Verdrängung, Unterdrückung e a querela das traduções. *Psicologia USP*, 34, 1-10.
- Montinari, M. (1997). Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos. *Cadernos Nietzsche*, 3, 77-91.
- Monzani, L. R. (2014). *Freud. O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora Unicamp.
- Nietzsche, F. (1988). *Also sprach Zarathustra I-IV*. Kritische Studienausgabe (KSA 4). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Bd. 4. München: De Gruyter.
- Nietzsche, F. (1988). *Der Fall Wagner. Götzen Dämmerung. Der Antichrist. Ecce homo. Dionysos-Dithyramben. Nietzsche contra Wagner*. Kritische Studienausgabe (KSA 6). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Bd. 6. München: De Gruyter.
- Nietzsche, F. (1988). *Die Geburt der Tragödie. Unzeitgemässe Betrachtungen I-IV. Nachgelassene Schriften 1870-1873*. Kritische Studienausgabe (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Bd. 1. München: De Gruyter.
- Nietzsche, F. (1988). *Jenseits von Gut und Böse. Zur Genealogie der Moral*. Kritische Studienausgabe (KSA 5). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Bd. 5. München: De Gruyter.

- Nietzsche, F. (1988). *Morgenröte. Odyllen aus Messina. Dir Fröhliche Wissenschaft*. Kritische Studienausgabe (KSA 3). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Bd. 3. München: De Gruyter.
- Nietzsche, F. (1988). *Nachgelassene Fregmente 1882-1884*. Kritische Studienausgabe (KSA). Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari, Bd. 10. München: De Gruyter.
- Paschoal, A. E. (2014). *Nietzsche e o ressentimento*. São Paulo: Humanitas.
- Paschoal, A. E. (2023). Esquecimento e Natureza. *Pensando – Revista de Filosofia*, 14(33), 104-115.
- Stegmaier, W. (1994). *Nietzsches Genealogie der Moral*. Darmstadt: Wis. Buchges.